UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E ARTES
CURSO DE LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

"ESCRAVO, POR QUÊ? QUEM É ESCRAVO AQUI?": UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEA

ANA PAULA ALVES DE MOURA

CAMPINA GRANDE – PB
NOVEMBRO DE 2011

ANA PAULA ALVES DE MOURA

"ESCRAVO, POR QUÊ? QUEM É ESCRAVO AQUI?": UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEA

Monografia de conclusão de curso apresentada à disciplina Trabalho Acadêmico Orientado como requisito para a conclusão do curso de Licenciatura em Letras, na Universidade Estadual da Paraíba, na área de Língua Portuguesa, sob a orientação da Professora Ms. Jacklaine de Almeida Silva.

CAMPINA GRANDE – PB

2011

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA CENTRAL – UEPB

M929e Moura, Ana Paula Alves de.

\"Escravo, por quê? Quem é escravo aqui?\" [manuscrito] : um estudo da construção de identidade negra na literatura infanto-juvenil contemporânea / Ana Paula Alves de Moura. – 2011.

8 f.

Digitado.

Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Letras e Artes) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2011.

"Orientação: Profª. Mª. Jacklaine de Almeida Silva, Departamento de Letras e Artes".

1.Negro. 2.Literatura infanto juvenil. 3. Crítica Social. I. Título.

21. ed. CDD 809.88

"ESCRAVO, POR QUÊ? QUEM É ESCRAVO AQUI?": UM ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DE IDENTIDADE NEGRA NA LITERATURA INFANTO-JUVENIL CONTEMPORÂNEA

ANA PAULA ALVES DE MOURA

Aprovada em 28 de 11 de 2013

BANCA EXAMINADORA

Jacklaine de Almeida Silva Nota 8,0

Profª Ms. Jacklaine de Almeida Silva (UEPB)

(Orientador)

Andreia Bezerra de Lima Nota 8,5

Profª Ms. Andreia Bezerra Lima (UEPB)

(1º Examinador)

Ricardo Soares da Silva. Nota 7,5

Prof. Dr. Ricardo Soares da Silva (UEPB)

(2º Examinador)

Média 8,0

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho à pessoa que me colocou nesse mundo e que me deu forças para concluir o curso. Quando pensava em desistir por várias vezes, ela pedia que não fizesse isso, minha mãe. Mais que especial em minha vida, minha mãe merece dividir comigo este momento.

AGRADECIMENTOS

A Deus, meu abrigo e conforto. Com Ele me conforto a superar todas as dificuldades que encontro pelo caminho.

A Jacklaine Almeida, minha orientadora que pacientemente e sempre presente contribuiu muito para o caminhar deste trabalho.

Aos examinadores de minha banca que contribuíram bastante com suas críticas para o melhoramento deste trabalho.

A minha família, principalmente a minha mãe, que esteve mais que presente nesse percurso acadêmico.

As minhas colegas de curso: Adriana dos Santos e Camila Nogueira, que tiveram que trilhar outros caminhos, mas que sempre permanecerão em minha vida.

A Maiara, irmã de Francielle, que me ajudou na parte do inglês.

A meus três amigos: Francielle, Júnior e Wanessa, que foram um achado na minha vida acadêmica a partir do segundo ano do curso, mas que espero que fiquem presentes para sempre em minha vida.

Aos demais colegas de curso, que enfrentaram essa jornada acadêmica.

“A leitura faz o homem completo; a conversa torna-o ágil; o escrever torna-o preciso”.

Francis Bacon

RESUMO

Ao procurar dar destaque ao papel do negro na literatura brasileira, atualmente várias pesquisas acadêmicas surgem com o intuito de mostrar o valor deste em escritos literários que de certa forma contribuem para nossa cultura brasileira. Esses estudiosos buscam nos escritos literários a representação do mesmo, muitos dos pesquisadores traçam cronologicamente a evolução da imagem do negro em nossa literatura. Como ele também está representado na literatura infanto-juvenil, nosso trabalho analisará a figura deste enquanto criança protagonista que busca construir sua identidade em duas obras infanto-juvenis contemporâneas, *A cor da ternura* (1998), de Geni Guimarães, e *Nó na garganta* (1988), de Mirna Pinsky. Para a análise tomaremos como referenciais teóricos Bernd (1987), Carvalho (1984), Dantas (2009), França (1998), dentre outros.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura infanto-juvenil. Negro. *A cor da ternura. Nó na garganta*.

ABSTRACT

Looking for give focus to the black people in the Brazilian literature, nowadays several academic researches appear in order to show the worth of the black people in literary writing, which, in a certain way, help our Brazilian culture. The studious want the representation of black people in the literary writing. How they are represented also in the children's literature, our assignment is going to analyze the role of the black people how protagonist child, which want to build its identity in two contemporary children's works, *A cor da ternura* (1998), of Geni Guimarães, and *Nó na garganta* (1988), of Mirna Pinsky. To analyze, we are going to use the theoretical references of Bernd (1987), Carvalho (1984), Dantas (2009), França (1998), including others.

KEY-WORDS: Children literature. Black. *A cor da ternura. Nó na garganta.*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....10

CAPÍTULO I: A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS CULTURAIS PARA A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA.....12

CAPÍTULO II: O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA.....15

2.1 O negro na literatura infanto-juvenil brasileira.....19

CAPÍTULO III: ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA NAS OBRAS EM ANÁLISE

3.1 ***Nó na garganta***.....21

3.2 ***A cor da tenura***.....28

3.3 Dialogando as obras.....35

CONSIDERAÇÕES FINAIS.....37

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....38

INTRODUÇÃO

Não é só na literatura para adultos que o negro fora sempre representado com os estereótipos que a sociedade o impôs, mas na literatura infanto-juvenil também, ao começarmos pelos contos de fada, em que os negros, quando eram representados, surgiram como malvados, cruéis e nunca como o bom.

Por muito tempo, os negros estiveram ausentes da literatura infantil e juvenil brasileiras. No Brasil, são marcantes, nas histórias infantis modernas, a Tia Nastácia e o Tio Barnabé, de Monteiro Lobato; só que ambos se apresentavam como personagens secundários, com funções de empregados de branco. A princípio, em nossa literatura para adultos, jovens e crianças, os negros surgiram sempre como empregados e nunca como patrões, pois segundo Oliveira (2009, p. 169)

> [...] quando presentes exerceram a função de antagonistas sendo, também inferiorizados se comparados aos brancos. *Negrinha*, de Monteiro Lobato, é um exemplo disso ao simbolizar uma espécie de vítima passiva do universo racista, vindo a sucumbir sem manifestar qualquer ação de resistência às atrocidades, humilhações e castigos, sofridos no espaço social brasileiro pós-escravocrata mas, ainda, arraigado desse sistema atroz nas relações sociais. A protagonista, então é digna de compaixão do leitor, equivalendo de um objeto alheio, descartável, resignado, admirador do universo eurocêntrico constituído por "bonecas louras".

Nos anos 70 e 80, há, aqui no Brasil, muitas publicações em literatura infanto-juvenil, tendo o negro como protagonista. Citando Oliveira (2009, p.170), nestas obras prevaleciam "a denúncia ao preconceito racial e do racismo aliado à miserabilidade humana". A partir destas décadas várias foram as obras que representavam o negro revoltado com o preconceito sentido. Dos anos 70 aos dias de hoje, inúmeras são as obras para crianças e jovens com o negro tendo voz. Como exemplos temos *A cor da Ternura*, de Geni Guimarães, e *Nó na garganta*, de Mirna Pinsky, com suas primeiras publicações em 1989 e 1979, respectivamente.

Nessas obras da literatura infanto-juvenil brasileira encontramos duas personagens infantis negras, que, enquanto protagonistas, buscam construir suas identidades a partir do preconceito racial sofrido no meio em que estão inseridas. Observando essa formação de identidade, a presente pesquisa busca responder à seguinte questão: Como se constrói a

identidade negra das personagens protagonistas de *A cor da Ternura* e *Nó na Garganta* a partir da relação com o espaço onde estão inseridas?

Partimos da hipótese de que as personagens de cada uma destas novelas constroem sua identidade com os valores familiares e sociais que se impregnam nos conflitos internos de cada personagem.

O objetivo desta pesquisa é analisar como se constrói a identidade das personagens negras das obras citadas, comparando a evolução de cada personagem na busca de sua identidade, bem como enfatizar a relevância dos fatores externos na contribuição da formação de cada personalidade.

A pesquisa foi de cunho analítico e bibliográfico, contando com três momentos específicos: primeiramente, enfatizamos os estudos culturais, que põem à tona a representação dos marginalizados, como o negro. O segundo momento, com a contribuição teórica e crítica, mostramos o papel do negro na literatura infanto-juvenil brasileira. Posteriormente, realizamos a análise das obras *A cor da Ternura*, de Geni Guimarães, e *Nó na Garganta*, de Mirna Pinsky, com o intuito de mostrar a construção da identidade de cada personagem protagonista destas obras e, assim, traçando um paralelo entre elas, mostramos como se dá essa construção em cada uma.

A pertinência dessa pesquisa reside no fato de ela representar a importância de se estudar a personagem negra na literatura infanto-juvenil, algo que necessita ser mais discutido no meio acadêmico, uma vez que os Estudos Culturais vem contribuir para que estudos como esse, que coloca um marginalizado em discussão, evidenciem a representação de uma parcela da população que sofreu muito, pois dantes foram colocados como escravos do branco.

Para análise do presente trabalho serviu-se de referencial teórico, estudiosos como: Bernd (1987), Carvalho (1984), Cevasco (2005), Santos e Wielewicki (2005), entre outros.

1- A CONTRIBUIÇÃO DOS ESTUDOS CULTURAIS PARA A LITERATURA AFRO-BRASILEIRA

Nos últimos anos tem se discutido muito acerca dos Estudos Culturais. Passou a se pensar e estudar a literatura com um olhar na cultura. Procurou-se entender as culturas impregnadas nas diversas expressões artísticas e, com isso, buscou-se valorizar cada cultura ao seu modo.

Com os Estudos Culturais várias vozes até então marginalizadas tiveram destaque como o negro, o índio, a mulher, o homossexual, o favelado. Passou-se a analisá-los dentro de um contexto de autoria ou representação, na nossa pesquisa um contexto de representação e autoria. Se antes tínhamos um foco apenas numa literatura feita por branco, heterossexual e rico, com essa nova corrente crítica vamos ter acesso a obras em que se tem voz os marginalizados de uma sociedade machista e preconceituosa. Como em nossa análise que temos autoras mulheres que dão voz a personagens negras. Em *A cor da ternura,* temos uma escritora negra que dá voz a uma menina negra e, em *Nó na garanta*, uma escritora branca que dá voz a uma garotinha negra. Nesse caso, observa-se o olhar de uma escritora negra e uma branca nas narrativas em que o negro é colocado como personagem principal.

Geni Mariano Guimarães, escritora negra, professora, poeta e ficcionista, nasceu em 08 de setembro de 1947, em São Manoel-SP. Aos cinco anos, muda-se com seus pais muda-se para Barra Bonita-SP. Em Barra Bonita, publica trabalhos no Debate Regional e no Jornal da Barra. Em 1970, lança seu primeiro livro, *Terceiro filho*. No início dos anos 80, ela conhece o grupo Quilombhoje e o debate acerca da literatura negra. Em 1981, publica seu segundo livro de poesia, marcado por protesto e afirmação identitária. Em 1988, participa da IV bienal Nestlé de literatura dedicada ao centenário da abolição e a Fundação Nestlé. No mesmo ano publica seu volume de contos *Leite do peito*. Em 1989, publica a novela *A cor da ternura*, que recebeu os prêmios Jabuti e Adolfo Aisen. Suas obras colocam o negro em foco, reivindicando seu lugar numa sociedade preconceituosa. Nessas obras o negro é colocado como aquele que luta para ser visto como ele realmente é e este não busca mascarar-se de ideais brancos, mesmo que para isto acontecer tenha de enfrentar o preconceito.

Mirna Pinsky, escritora branca, nasceu mora e São Paulo. Formou-se em jornalismo, trabalhou como repórter e redatora em revistas e jornais por muitos anos. É mestre e pós-graduada em Teoria Literária, pela Universidade de São Paulo (USP). Iniciou sua carreira literária como poeta e dramaturga. Sua primeira obra infantil foi publicada em 1978. Com trinta anos de carreira, publicou mais de quarenta obras da literatura infantil e juvenil, três delas no exterior. Recebeu dois prêmios Jabutis, entre outros. Na década de 1980, se dedicou à edição de livros como coordenadora editorial. Em 2003, junto com a pedagoga Lema Bartman desenvolveu em São Paulo o projeto ler com prazer, com o objetivo de sanar as dificuldades das crianças com a alfabetização. Hoje, a autora continua escrevendo para criança e jovens, fazendo traduções, colaborando na área editorial e escrevendo poemas. Seus escritos representam crianças que procuram entender o mundo dos adultos. *Nó na garganta* é a única obra da autora que traz o negro como personagem principal que procura se encontrar como negro.

Dentro desta perspectiva dos Estudos Culturais de se colocar o marginalizado em foco, esses livros da análise contribuem para mostrar que na literatura infanto-juvenil já se pensa em mostrar aqueles que foram apagados por séculos, como protagonistas.

Os Estudos Culturais surgem em 1950 na Grã-Bretanha. Diferentemente das demais correntes críticas, eclodem não em uma universidade de elite, mas em uma escola noturna para adultos, a Workes Educational Association, onde estudavam trabalhadores. Como estavam vivendo numa situação pós-guerra, desorientadas as pessoas refletiam suas novas condições de vida.

Com os abalos sofridos com o pós II Guerra Mundial, os professores levavam em consideração as necessidades dos alunos, procurando uma forma de entender o mundo ao redor. A partir disso, a educação tomou um novo rumo. Estudava-se pensando nas necessidades de cada indivíduo, sendo assim, muitos professores tiveram que agregar em seus currículos os meios de comunicação de massa, para assim conhecerem e ficarem mais em contato com as necessidades de seus alunos. Em seguida essas ideias chegaram às universidades e a partir daí os Estudos Culturais ganham o meio acadêmico como disciplina.

O projeto dos Estudos Culturais, segundo Cevasco (2005, p.271) é

> eminentemente interdisciplinar, junta formas e assuntos de outras áreas. Seu interesse no tempo presente se traduz em uma preocupação com os

> meios de comunicação de massa, assunto preferencial dos estudos das mídias. Da sociologia, vem o interesse pela etnografia e pelas subculturas [...] Da história, continua o envolvimento com os de baixo, com interesse pela história oral e pela memória popular. Da literatura, [...], mantêm-se o estudo dos textos e dos modos da representação da realidade.

Nota-se então que os estudiosos dessa área de pesquisa adentram-se no universo cultural daqueles menosprezados pelo sistema capitalista. Esses estudos chegam a ir além, dando atenção aos gêneros menores (os textos considerados de baixo valor literário), uma vez que são introduzidos nas discussões desta crítica. O papel que ocupam a ficção científica, os romances vendidos em bancas de jornal, para Cevasco (2005, p.271), "dividem [agora] a atenção com uma leitura política de textos de alta literatura".

Quatro décadas depois, nos anos 90 é que os Estudos Culturais chegam ao Brasil. São muitas as universidades brasileiras que hoje agregam programas de Estudos Culturais, colocando assim os graduandos brasileiros a pensarem na sua cultura, uma cultura tão vasta e rica de diversidades, tendo assim um mundo de projetos a se arquitetar. Com isso, estudamos as minorias brasileiras, conhecemos o mundo desses marginalizados, seus sonhos, seus objetivos, suas reivindicações, seus modos de ver e viver numa sociedade que os excluem. Hoje, são inúmeros os trabalhos que podemos encontrar nessa linha de pesquisa. Incluindo o nosso que contribui bastante nos assuntos atuais sobre os marginalizados.

2- O NEGRO NA LITERATURA BRASILEIRA

Com os Estudos Culturais, abriu-se um leque de pesquisas voltadas para os marginalizados, os quais até o momento continuavam distantes do meio acadêmico. O negro dentre eles é um dos que recebiam destaque nesses novos estudos. Muitos pesquisadores buscavam a representação do negro na literatura, analisando assim sua trajetória nos escritos literários. Observavam a forma como eram apresentados, sempre: escravo, marginal, brincalhão, sensual, os estereótipos que conhecemos e foram construídos ao longo dos anos com a imagem do negro.

Os próprios negros se viam marginalizados não só socialmente, mas também na literatura, com isso muitos passaram a escrever. Quase sempre reivindicando, mostravam suas qualidades, buscando atacar aqueles escritores que os colocavam como inferiores em seus escritos.

Essa ideia de valorização da cor da pele surge com um movimento de caráter cultural: a Negritude. Criada na França, em 1934, por um grupo de africanos que estudavam em Paris e se viram descriminados constantemente, resolveram valorizar seus ideais, mostrando-os aos demais. Liderado por Aimé Césaire, Leon Damas e Leopold Senghar, o movimento ganha o conhecimento dos demais negros e assim expande-se para o resto do mundo. No Caribe, por exemplo, surge a partir da consciência de um "existir negro", "uma literatura que, por sua originalidade e qualidade, conseguiu desvencilhar-se do asfixiante rótulo sob o qual era classificada nos compêndios europeus - literaturas conexas e marginais" (BERND , 1987 , p.14).

Quando os negros valorizavam sua pele, seus cabelos e principalmente suas culturas, que eram abafadas, estavam impondo um reconhecimento pelo que eles eram. Estavam assim dando voz ao movimento Negritude que, na maior parte das vezes, só alguns deles as ouviam, pois no princípio muitos negros lutavam para serem vistos e, apenas uma parcela deles reconheciam sua luta e os brancos não ligavam para estes movimentos, só muito tempo depois é que boa parte dos negros e brancos lutavam por um mesmo ideal: aceitar o outro pelo que ele é sem levar em conta a cor da pele. A negritude enquanto movimento cultural,

> remete em primeiro lugar para a questão da CONSCIENTIZAÇÃO não apenas de negros, mas de negros e brancos. O humanitismo que norteia leva as vozes poéticas da negritude a entoarem um grito e, ao mesmo tempo, um canto de todos para todos, uma vez que, para além da reinvindicação do respeito à alteridade, da valorização do homem negro, do reconhecimento de sua cultura, o movimento tem como princípio fundamental a erradicação da descriminação racial e do que ela implica em termos de exclusão e de opressão, visando à construção de um novo tempo plasmado na SOLIDARIEDADE, na IGUALDADE. (DANTAS, 2009, p.13)

Dessa maneira, o negro tenta buscar uma igualdade entre as pessoas numa sociedade que o descrimina. A negritude tenta colocar os homens de igual para igual e não de cor para cor, uma vez que a importância maior é o homem, suas qualidades, e não a cor da pele. Com esse movimento de Negritude, muitos negros aceitam sua origem africana e a partir daí valorizam suas raízes culturais trazidas de um país que teve seu povo arrastado para satisfazer os desejos dos brancos, através dos serviços que prestavam de forma escrava. É com este sentimento de angústia que encontramos nos escritos feitos por negros suas revoltas perante uma sociedade que os oprimem, e ainda hoje ocorre, mesmo que de uma forma camuflada. Notamos isso na nossa pesquisa, em que a criança negra enquanto personagem central sente uma angústia por ser negra em partes das obras.

No Brasil, como sabemos, no tempo da escravidão, os negros se voltavam contra os mandos da sociedade escravocrata por meio de fugas e, consequentemente, formações de quilombos, estando assim dentro dos ideais que tangem a negritude, uma vez que se queriam uma afirmação do ser negro, como dita o movimento. Esses escravos estavam tentando libertar-se das ordens para, assim, viverem, mesmo que fugidos, a vida que dantes tinham. Queriam construir uma nova realidade, não ser mais escravo, buscando forças nas lembranças que tinham dos seus lugares que foram forçadamente retirados, assim, reconstruir suas vidas com raízes de sua cultura africana, que queriam apagar.

É a partir de 1915 que surge no Brasil certos movimentos de conscientização dos negros, como o surgimento da imprensa negra e, em 1930, a Frente Negra Brasileira (FNB). Ainda não se utilizava o termo negritude nos planos sociais e literários. Parafraseando Bernd (1987, p.36), é num artigo de Roger Bastide “Variations on negritude”, de 1965, que encontramos a manifestação de negritude genuinamente brasileira. Bastide vai dizer que o teatro Experimental do Negro (TEN), que surge em São Paulo, em 1944 , traz à tona o

negro como papel de herói, um papel que o mesmo nunca ocupou em toda a literatura, mostrando os complexos de inferioridade que o negro sentia até o momento.

O TEN é fundado por Abdias do Nascimento, que dizia ser um manifesto de negritude. Esse teatro buscava valorizar a contribuição da cultura africana na brasileira. As peças eram produzidas por autores negros e sempre interpretadas por atores e atrizes negros. Havia peças produzidas por brancos, porém os textos sempre tinham como herói o negro. Percebe-se então a valorização que Abdias do Nascimento dava ao povo negro, visto que apresentava, em suas peças, o negro com seus anseios, sua cultura, seus objetivos, para assim haver uma valorização do africano, aquele que trouxe uma vasta cultura para o nosso país. A partir de então vários outros movimentos surgiram com a mesma ideia de valorizar o negro, sua origem.

Na literatura brasileira vamos observar a representação do negro sempre como escravo, sem caráter. Raras são as obras que encontramos o negro como herói, o que vem mudando na atualidade, onde já encontramos a imagem do negro como herói, embora, na maior parte das vezes, estes textos sejam desconhecidas até mesmo pelo meio acadêmico.

O que podemos salientar é a importância que tem hoje a literatura afro-brasileira para a construção de conhecimentos antes renegados por uma elite branca, uma vez que é a partir desta afro-brasileira que temos o olhar do negro (ou daquele que compreende o negro), ele como agente. Segundo Santos e Wielewick (2005, p.294) "torna-se claro, portanto, que a literatura afro-brasileira reflete-se na busca da identidade negra no Brasil e seu fortalecimento". Como então conceituar a literatura afro-brasileira, uma vez que é algo tão discutido atualmente? Na visão de Santos e Wielewicki (2005, p.290),

> Há alguns critérios geralmente usados na tentativa de conceituar a literatura afro-brasileira, a saber; o critério étnico (ligação da obra à origem negra ou mestiça do autor); o critério temático (conteúdo literário relacionado aos temas referentes à cultura afro-brasileira); e o que chamaremos de critério de transgressão (o texto como forma e reivindicação e resistência).

Nas obras em estudo, os critérios que se apresentam são o étnico (devido ao fato de a escritora de uma das obras ser negra) e o temático (visto que ambas as obras tratam do negro). Independente do critério sabe que o foco é o negro. Os escritores, que dão voz a esta personagem negra heroína, fazem com que ela busque construir sua identidade em origens africanas. É como se

> [...] o referente histórico inaugural - o estabelecimento do elo com África - é recuperado, destacando-se as relações de parentesco com povos africanos possuidores de uma história de uma cultura com o objetivo de desfazer o estereótipo do negro como povo sem origem, ou com origem espúria (BERND, 1987, p.134).

Através de escritos literários em que o negro tem voz, temos contato com uma cultura diversas vezes desprezada pela elite, a mesma que contribuiu para a construção da brasileira, pois

> é dispensável dizer que pela significativa do que é hoje a cultura brasileira, melhor, do que é hoje o Brasil, foi construída por negros e mestiços. É igualmente dispensável asseverar que é redutor pensarmos a nossa história e os desdobramentos futuros da nossa sociedade sem uma reflexão apurada sobre o significado desse contributo (FRANÇA, 1998, p.5)

Sabemos que o negro escreve para reivindicar, mostrar o belo que há em sua cultura, dando voz aos negros que buscam se encontrar descritos na literatura não mais como escravo, mas como herói. São nestes escritos que nos deparamos com um grito de revolta daqueles que procuravam mostrar que a cor da pele não torna você inferior ou superior. Muitos dos poemas afro-brasileiros ressaltam a revolta destes marginalizados, procurando em sua origem africana uma forma de construir sua identidade. Segundo Bernd (1987, p. 83),

> [...] A idéia - força é a de que o poeta, recuperando a rebeldia e o ideal de liberdade que guiou seus antepassados para os quilombos, crie, com sua poesia, um território privilegiado onde os versos como outrora os atabaques – possam soar como um chamamento ao reencontro.

Os poetas que representam os negros em seus poemas conseguem mostrar suas revoltas. Muitos dos versos de alguns poemas afro-brasileiros conseguem se aproximar das batidas dos tambores africanos, dos gritos de dores dos escravos. Os poetas dessa maneira tentam evidenciar a cultura afro aproximando-a ao máximo da linguagem de seus poemas.

2.1- O negro na literatura infanto-juvenil brasileira

Na atualidade a literatura infantil brasileira apresenta textos mais próximos das histórias vividas pela criança. Se, no início, nos contos de fada, as crianças tinham contato com histórias maravilhosas, personagens fantásticos, atualmente têm contato com

personagens mais reais do seu mundo. A criança hoje pode se ver representada, reconhecendo nas obras seus medos, conflitos internos e externos, vivenciados por personagens crianças da escrita. A criança é personagem principal, o que deixa os leitores infantis mais próximos das narrativas. Parafraseando Carvalho (1984, p.195), os livros fazem com que crianças e jovens cresçam, encontrem caminhos e soluções para suas dúvidas, inquietações, problemas, estes de esfera intelectual, psicológica, ética, moral e social.

A literatura infantil se torna um meio para a criança se encontrar. É como se, através da linguagem literária, ela se descobrisse, pois encontra os conflitos narrados de alguém assim como ela. Segundo Yunes e Pondé (1989, p.46)

> o texto literário infantil, por um lado, partiu para uma revisão do mundo na perspectiva da infância, para uma pesquisa de estrutura de linguagem e imagens próprias da criança. Por outro, ocorre uma renovação do recurso tradicional da fantasia, pelo jogo da intertextualidade, pela paródia, pela investigação de estados existenciais infantis e pelo realismo que aparece quebrando tabus e preconceitos, lidando com os problemas cotidianos que não poupam a infância.

Em contato com esta literatura mais questionadora do mundo infantil, a criança fica procurando se reconhecer nesse novo espaço literário. É como se a criança ficasse, segundo Yunes e Pondé (1989, p. 47),

> Procurando expressar o espaço vazio de sua vivência e tentando obter recursos que lhe permitam a decodificação do mundo, o leitor infantil pode alcançar, na leitura, compensação para a marginalização que vive na realidade empírica. E desse modo que "vivendo o texto", ele pode passar da condição de mero destinatário do discurso adulto a sujeito de sua própria história.

As crianças buscam nos textos o que elas verdadeiramente são, pois se vendo retratadas, associam a vida das personagens às suas. Em muitos, temos uma identificação de problemas enfrentados pelo leitor na realidade. Para o crítico Ataíde (1995, p.13), a literatura infantil desaliena a criança, ou seja, a criança enxerga as coisas com outros olhos quando ler.

Na literatura infanto-juvenil contemporânea vamos encontrar o negro como protagonista, que luta para construir sua identidade. Mesmo sofrendo com o preconceito,

ele busca dizer que é negro aos que o discriminam, estes gostando ou não, expondo assim sua voz e cultura.

Como sabemos, na Contemporaneidade as personagens são fragmentadas, fruto da sociedade na qual estão inseridas. Segundo Khéde (1990, p. 57),

> um personagem poderá se apresentar fragmentariamente porque representa a crise de identidade, a busca de um novo papel social de identidade ou desconcerto diante de valores velhos e novos que lhe parecem igualmente válidos.

As personagens infantis e juvenis contemporâneas são fragmentadas e buscam uma identidade, querem ser ouvidas, mesmo que sejam crianças, tentando fazer com que o leitor reflita sua condição naquele contexto literário. Com a personagem negra não é diferente, pois os escritores criam personagens que enfrentam o preconceito. Alguns valorizam a cor da pele, passam a construir sua identidade negra, valorizam a cultura, seu povo e não fantasiam ideais brancos de beleza.

Nas obras de nossa análise temos como protagonistas meninas negras que sofrem preconceito. Ouvindo e ficando caladas com algumas situações ofensivas para com sua cor, as meninas se revoltam e rebatem os que as discriminavam. É com essa coragem que suas identidades são construídas.

3- ESTUDO DA CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE NEGRA

3.1 *Nó na garganta*

A cor da ternura (1998), de Geni Guimarães, retrata a vida da personagem Geni, de sua infância à vida adulta, descrevendo seus sonhos e medos, com uma linguagem que chega a ser poética. Somos colocados diante da história de Geni, menina negra que vive com sua família numa fazenda onde o pai trabalha e, que desde pequena, a garota questiona o fato de ser negra e o fato de seus colegas de classe serem tão preconceituosos. A protagonista procura nos estudos ganhar um novo espaço, diferente do dos pais que trabalhavam nas lavouras. Formada, o orgulho do pai em ter uma filha professora, a personagem enfrenta a profissão que escolhera, de cabeça erguida, vendo os olhos preconceituosos que a seguem.

Nó na garganta (1988), de Mirna Pinsky, apresenta a vida da personagem Tânia. Filha de José e Cida, a garota sai de um barraco de madeira, às margens do rio Pinheiros, e vai, junto com seus pais, para uma cidade praiana do litoral paulista, Bertioga. Lá os pais serão caseiros de uma rica e branca senhora, dona Matilde. Nesse novo lugar, Tânia enfrentará o preconceito, por ser negra.

O que Mirna Pinsky e Geni Guimarães fazem é criar personagens que buscam construir sua identidade. Aos olhos de uma escritora branca (Mirna Pinsky) e de uma negra (Geni Guimarães), as personagens negras ganham vida e encaram o preconceito racial, não ficando caladas.

Em *Nó na garganta,* podemos observar o quanto a personagem principal, Tânia, se revolta como fato de sua mãe não aceitar o seu cabelo

> Mania que a mãe tinha de puxar e puxar o cabelo, depois enfiar dois elásticos e botar um laço vermelho por cima. Se ela tinha cabelo "ruim" como a mãe dizia, melhor era deixar solto feito a moça na televisão (PINSKY, 1988, p. 2)
> [...] Também a mãe ficaria mais bonita se não insistisse em ficar alisando o cabelo para trás. (PINSKY, 1988, p. 2)

Neste fragmento, percebemos a busca de identidade da personagem de *Nó na garganta*, Tânia, uma vez que ela se questiona sobre o porquê de não usar seu cabelo

natural. A mãe arruma o cabelo da filha, mesmo ela estando insatisfeita, mas respeita as ordens da mãe, pois ela é criança e não tem voz contra o adulto.

Tânia vivia às margens do rio Pinheiros, num barraco de madeira. Mudando-se para o litoral com a família vai se perpetuar o papel dos pais como empregados dos brancos ricos. Sua relação com o pai durante a narrativa se apresenta distante, como se ele fosse apenas figurante de uma família, cujo pai cuida das despesas da casa.

> Tem do pai uma imagem de pessoa triste e quieta. Sempre saindo de manhãzinha, antes de ela se levantar e voltando depois de ser mandada pra cama. Entrando curvado, sujo, com cheiro forte e uma magreza que ela não viu igual. Não fala, se joga numa cadeira e espera a mulher colocar um prato com qualquer grude na sua frente. É assim que Tânia vê o pai. (PINSKY, 1988, p.3)

Falta um contato maior da menina com o pai, mas com a mãe também. Para a garota os dois vivem trabalhando. Os pais surgem como figurantes de uma família negra e pobre, mas não se apresenta uma afetividade que não deixasse a filha sentir-se tão sozinha. É como se houvesse entre os três apenas um respeito pelo outro.

Na nova casa, em que os pais são caseiros, Tânia se encanta com a nova moradia:

> -Bonita essa casa, hein, mãe! Olha só! Tem telha, é todinha de tijolo, olha só a porta mãe, tem fechadura com chave e tudo! (PINSKY, 1988, p.5)
> [...] – Mãe, acho que a gente vai poder tomar banho quente!Juro, mãe, eu acho que é um chuveiro de verdade, feito aquele que vi na televisão! (PINSKY, 1988, p.5)

Como tudo é novo para a menina que morava num barraco de madeira, os tijolos, as telhas chegam a ser algo nobre aos seus olhos, assim como o chuveiro, a chave da porta. Compara sua vida com a das pessoas da televisão. Para a garota tudo isso era luxo, mesmo que a casa não fosse sua, tudo chegava a ser maravilhoso.

Na escola, a menina conhece um mundo de pessoas brancas que a perseguem por errar algumas coisas. Certa vez trocara o **o** de orelha por **a,** recebendo o apelido de Taniarelha. Ela achava que não era apenas por errar, mas que a perseguiam por ser negra. Sentia-se diferente nesse novo mundo, achando que todos a olhavam estranho.

> Tânia foge pra casa, com raiva do apelido, com raiva deles todos, com raiva dela própria. Detesta todo mundo olhando pra ela. Olhando de um jeito que ela não gosta de ser olhada. Como se ela fosse diferente. O apelido gozador parece que faz ela mais diferente do que já se sente. (PINSKY, 1988, p. 10)

Ao longo da narrativa, várias são às vezes em que a garota é insultada por causa da cor da pele:

> - Parece uma sombra, disse Luísa rindo. Preta daquele jeito! (PINSKY, 1988, p. 15)
>
> -Ah! essa negrinha não acerta nunca, pô! (PINSKY, 1988, p. 24)
>
> [...] - Olha, a branca de neve vem chegando. (PINSKY, 1988, p.33)
>
> -Deve ter cansado de carregar urubu em cima! (PINSKY, 1988, p.45)
>
> -Uma vez por ano até escravo tem vez! (PINSKY, 1988, p.67)
>
> -Vai, escrava, vai comemorar o teu dia de glória! (PINSKY, 1988, p.68)

Em algumas passagens dessa novela, encontramos o sentimento de angústia da personagem, sentindo-se rejeitada. Apesar disso, tem uma única amiga, branca, Juliana, que a defende dos insultos do irmão.

> Tânia gostou muito da amiga depois daquela hora. Mais do que já vinha gostando. Aquela dor que sentia quando a chamavam de negra, daquele jeito, daquele jeito xingando, como se estivessem chamando ela de suja, de ladrona, de asquerosa, a amiga tinha percebido bem. Melhor até do que sua mãe, que parecia não se importar quando alguém dizia – e ela ouvira muitas vezes – que preto o quando não suja na entrada, suja na saída. Ou quando diziam que coisa malfeita era "trabalho de preto". Doía, e doía muito, mas só que o pai e a mãe dela não diziam nada. Parece que nem escutavam. Ela tinha vontade de dizer que tanto preto quanto branco erravam e acertavam da mesma maneira. Que tanto fazia ser preto quanto branco, porque não era a cor da pele que ia fazer ela acertar ou errar. Ou jogar certo ou errado, como tinha acontecido há pouco. Mas, no fundo, ela sentia uma pontadazinha de timidez por ser preta e tinha a impressão de que se não brigasse, não reclamasse, todo mundo ia se esquecer de que ela tinha aquela cor. Até ela... ela que às vezes, bem no fundo, gostaria de ter nascido de olhos azuis, feito a Juliana. (PINSKY, 1988, p.24 e 26)

Tânia era feliz ao lado de Juliana, apesar dela ser branca e muito mandona. O importante era ter uma amiga para brincar. O mundo de Juliana era maravilhoso para Tânia, a casa, tudo que era só dela. O fato de a garota ser rica deixava Tânia encantada, pois só via isso nas televisões das patroas de sua mãe, ela não tinha uma e esse era seu sonho, junto com seus pais. Viver ao lado de Juliana era fascinante para a garota que só conhecia o luxo dos patrões da mãe.

> [...] Estranha também o quarto da amiga que é só dela, com uma cama de verdade que é só dela, e uma porção de roupas penduradas no armário. Fica fascinada com a facilidade com que Juliana abre o guarda-comidas e, sem perguntar pra mãe, pega biscoitos e chocolates. (PINSKY,1988, p. 26)

Na narrativa a mãe priva a filha de entrar nos lugares só de homens, ou seja, na obra, num bar, pois tinham coisas que uma mulher se sentiria envergonhada. Isso desperta em Tânia uma curiosidade enorme. Um dia a garota entra no bar e vê imagens de mulheres quase nuas, o que a deixa envergonhada. Observe que ela encontra uma mulher de sua cor: "Tem uma que é quase tão escura quanto ela, mas tem rosto todo pintado e sorri bonito". (PINSKY, 1988 , p.28)

Aqui notamos que a menina indaga a beleza ao se maquiar, como se a negra da imagem fosse bela por causa da maquiagem. É como se faltasse a valorização de um rosto limpo. Ao mesmo tempo em que acha a negra da imagem bonita seus olhos se voltam para a mulher branca e, essa era bela por ter o cabelo liso, vendo o cabelo da modelo melhor do que o seu, o qual dava tanto trabalho a mãe para ficar arrumado e ainda questiona se ela fosse branca a mãe não teria este trabalho, usaria seu cabelo liso solto.

> Acha a segunda mais bonita. Aqueles cabelos loiros, lisos, aquela cor da pele, mais clara nas partes onde a moça deve usar biquíni, quando vai à praia. Lembra que um dia sonhou que era mais branca que essa moça. E que tinha o cabelo liso, caindo solto sobre os ombros. (PINSKY, 1988, p. 28)

Se a menina tem contato com a imagem de uma negra esta lhe é apresentada de uma forma sensual, já que essa imagem se encontrava em um ambiente frequentado por homens e as imagens representam isso, a sensualidade feminina independente de cor. Então, Tânia vai se deparar com uma imagem muitas vezes estereotipada da mulher. Assim a menina não vai se ver representada como a moça da foto, ao simples fato dela nunca ter tido contato com o mundo dos homens. Tudo aquilo era novo para ela e sua mãe a impedia de ver o que tinha ali, pois ela era muito nova.

Para Tânia, seus pais eram tolos, pois não reclamavam do modo de vida que levavam, já que sempre aceitavam as ordens dos outros e, mesmo que estivessem certos e os patrões dissessem que estavam errados, eles se colocam como errados. Para ela ao menos a mãe reclamava, mesmo que fosse em casa, embora não buscasse seus direitos. Já o pai não fazia nada, o que a deixava com raiva era o jeito do pai de se submeter ao outro, é como se eles tivessem medo e vergonha de encontrar outro modo de vida. A mãe sempre a

obrigando a andar calçada, limpa, educada, preocupada com o que os outros iriam falar da sua família.

> A mãe sempre dizendo: O que os outros vão pensar da gente, se você fala palavrões, anda descalça, com vestido sujo? A mãe sempre preocupada com o que com o que os outros vão dizer dela e deles. A mãe sempre com medo dos outros e passando medo nela. O pai mais medroso ainda. (PINSKY, 1988, p.41 – 42)

Na narrativa, a menina desabafa o que sofre com seu novo amigo Pedrinho, menino que gostava muito dela e não via Tânia como os demais colegas que a insultavam por causa da cor da pele. Desabafa que se ela ficasse branca as pessoas a respeitariam e não teriam que passar horas arrumando o cabelo.

> - É que eu sou preta e eles não perdoam. É que tem uma raiva dentro deles por gente preta como eu. Não sou só eu. É tudo quanto é preto. E daí, quando a gente faz qualquer coisa errado, ou desagrada, lá vem paulera da grande por cima. Maior do que se a gente fosse branca, muito maior. É que eles acham a gente diferente. Mas diferente pra pior. Como se fosse uma vergonha ser preta. E eles jogam isso na cara da gente: olha, você é preta, você vale menos. (PINSKY, 1988, p. 56)
> - Eu odeio eles! E odeio porque eu fico com vergonha de mim, ás vezes. Às vezes fico louca de vontade de acordar branca, branca de olhos bem azuis, feito uma alemã e ter pai e mãe branco que vale tanto quanto o pai e a mãe dos outros. E não ter que esticar o cabelo até doer, para ele não ficar pixaim. (PINSKY, 1988, p. 58)

Novamente, a menina se revolta contra a opinião que a persegue e é ditada pela mãe, para Tânia a mãe acha sempre o outro melhor e não aceita como a pessoa realmente é: "- Mas eu tenho muita raiva de pensar desse jeito. E acho que é o jeito que a minha mãe pensa. Eu não queria não ter vergonha, não me sentir pior... (PINSKY, 1988, p. 58). Em um momento da narrativa Tânia não sabe explicar o que sente quando é xingada:

> Por que que eu fico apavora da quando alguém lembra que eu sou preta? Alguém me *xinga* de preta? Por que que eu fico que nem minha mãe e o meu pai, bem pequenininha, com vontade de sumir, quando alguém lembra que eu sou preta? (PINSKY, 1988, p. 46)

Nas páginas 67 e 68, tem-se um diálogo entre Rafael e Tânia. Nesse diálogo a menina que antes ouvia todo xingamento calada, aqui rebate a ofensa. A menina começa a se aceitar enquanto negra:

> - Uma vez por ano até escravo tem vez!
> Tânia pensa em fingir que não escutou. Mas volta atrás:
> -Escravo, por quê? Quem é escravo aqui?
> -Você, uê! Filho de escravo o que que é, heim?

> - E meu pai é escravo por quê?
> - Teu pai é empregado. Tua mãe é empregada. Eles estão aí pra servir. Pra servir a gente. Pra fazer as coisas que a gente manda.

Rebatendo o garoto, a menina se torna mais corajosa, deixando de lado o medo e a vergonha que tinha de se apresentar como negra. A menina assume-se como negra e sente o preconceito não só por ela, mas pelos pais. Tânia fica triste quando vê sua amiga rindo do que Rafael, seu irmão, dizia. Juliana era como o irmão. Para sentir-se tão corajoso quanto Tânia, Rafael rebate: "- Vai, Escrava, vai comemorar teu dia de glória!" (PINSKY, 1988, p.68). Tânia não deixa por menos, falando: "- Vou sim, responde a menina se aproximando dele. E enchendo a boca, descarrega uma cusparada bem no meio da cara de Rafael." (PINSKY, 1988, p.68).

Nota-se, na fala da garota, que ela se valoriza como negra. Cuspindo na cara do Rafael, coloca para fora a vontade que tem de brigar com ele, o que não demora a acontecer. Não só ela briga com Rafael, mas toda a criançada entra na briga. Adultos separam e todos ficam machucados. Tânia foge e se vê sozinha, sem ninguém para conversar. Pensa que se a mãe ao menos chegasse para ouvi-la se sentiria melhor: "Mas a mãe... coitada da mãe. A mãe não entendia nada. A mãe era até capaz de dizer que ela tinha que pedir desculpas pro Rafael. E o pai iria ficar quieto, concordando". (PINSKY, 1988, p.70)

Os pais para Tânia não se revoltavam contra aqueles que os discriminavam e nunca vão se revoltar, pois já se acostumaram a pensar assim. Olhando-se a garota percebe o quanto é bonita. Começa a se valorizar, não mais se importará com o que os outros vão achar dela, pois a partir do momento que ela descobre o quanto é bela e também descobre que o importante é como você se ver e não como o outro lhe ver: "- Eu sou Bonita! Como eu sou bonita!" (PINSKY, 1988, p.70).

É como se a briga com o garoto colocasse a menina para pensar na sua vida, olhar-se como verdadeiramente é, se reconhecesse enfim. A personagem se aceita como negra e passa a imagem de que ninguém mais irá maltratá-la, a exemplo de Rafael. A garota reconhece o que sempre queria mostrar à mãe, a valorização de seu ser, a sua identidade negra. Ela aceita sua cor, seu cabelo cacheado.

Ao encarar o menino Tânia desfaz o seu nó da garganta, uma vez que ela diz o que há muito tempo estava preso. Aqui está o significado do título da obra *Nó na garganta,* pois

a garota se coloca neste momento da narrativa como dona de sua vontade e que ninguém passará por cima de suas vontades. Agora que ela se aceita como negra, mostrará o que ela realmente é, sujeito de uma identidade negra e, mesmo que os outros tenham a discriminado, o importante é que agora ela não abaixará a cabeça por qualquer piada sobre a cor da sua pele.

3.2 A cor da ternura

Em *A cor da ternura,* observamos uma afetividade maior, uma vez que a personagem Geni se encontra mais próxima, afetivamente falando, da família. Na obra, são expostos os sentimentos e medos da garota que encontra forças no conforto dos pais. Na página 9, temos o diálogo de Geni, ainda criança, com a mãe, deixando transparecer o amor imenso que a menina sentia e o que a mãe sentia medindo em extensão seu amor materno, que para a criança, mesmo que fosse apenas extensão dos braços da mãe, era enorme.

> - Mãe, a senhora gosta de mim?
> - Ué, Claro que gosto, filha.
> - Que tamanho? – Perguntava eu.
> Ela então soltava minha cabeça, estendia os braços e respondia sorrindo:
> - Assim.
> [...]
> Era o tanto certo do amor que precisava, porque eu nunca podia imaginar um amor além da extensão dos seus braços. (GUIMARÃES,1998, p. 9)

Nesse diálogo de mãe e filha, observamos o quanto a personagem se sente protegida com amor da mãe. A mãe se apresenta como protetora, cheia de amor e, que a filha não consegue se ver com um amor maior do que aquele que sua mãe apresentava na extensão dos seus braços, a filha se sentia satisfeita, felicidade era ter o amor da mãe.

A personagem dialoga com a mãe sobre a cor de sua pele:

> Mãe, se chover água de Deus, será que sai a minha tinta?
> - Crendo-em-cruz! Tinta de gente não sai. Se saísse, mas se saísse mesmo, sabe o que ia acontecer? - Pegou-me e, fazendo cócegas na barriga, foi dizendo: - Você ficava branca e eu preta, você ficava branca e eu preta, você branca e eu preta...
> [...]
> Achei que ela estava triste, então falei:
> - Mentira boba. Vou ficar com esta tinta mesmo. Acha que eu ia deixar você sozinha?Eu não. Nunca, nunquinha mesmo, tá? (GUIMARÃES, 1998, p.10)

No pensamento da menina, a mãe não ficaria feliz em ter uma filha branca, é como se esta não gostasse de sua origem. Com medo de ver a mãe triste ela diz que jamais deixará sua mãe sozinha, ou seja, sendo a única negra, pois ela era sua filha.

Com o nascimento do seu irmãozinho, Geni se ver rejeitada por todos da casa, já que faziam tudo por ele. Conversando com a filha, a mãe diz que ela agora era uma

mocinha. Mais crescida, a pequena agora brincava com as crianças da colônia. Sua relação com estas não passava das brincadeiras no balanço e a ida e volta para escola. Não importava para a garota viver na casa dos colegas, ter um amigo era como se sua família completasse isso. No balanço, a garota gostava de brincar de viajar para outros lugares, mesmo que nunca fosse ou não tivesse ido. Para realizar uma destas aventuras, troca com a colega Neide sua vez no balanço por uns dias, para no dia que fosse usar, usasse mais tempo. A viagem que queria no momento era Santos, ouvira que o mar era lindo. Quando ela começa a sentir o gosto da sua viagem é interrompida pela colega, com xingamento: - Ladrona! Você deu vinte, mais vinte, e mais uma. Boneca de piche, cabelo de bom-bril! (GUIMARÃES, 1998, p.45)

Triste da não chegada ao mar de sua viagem, a garota comenta: Pus-me a chorar desesperadamente.Boneca de piche, cabelo de bom-bril eram ofensas de rotina. Tudo bem. Mas e o mar esperando de boca escancarada? (GUIMARÃES, 1998, p.46)

A garota revela que estava acostumada com os xingamentos dos colegas por causa de sua cor, porém não aceitava ter interrompidos seus pensamentos, suas viagens fantásticas. Se pensarmos, as viagens eram uma fuga da vida com colegas preconceituosos que a cercava. A menina tentava fugir do mundo que a oprimia. Ela fingia que não ouvia os xingamentos e ficava calada. Acostumada a ficar quieta, já que podiam mandar no seu comportamento, como a mãe bem fazia, agora mandar nos pensamentos a deixava indignada.

Geni vivia sendo xingada pelos colegas da escola. Estudava numa classe só de brancos preconceituosos, tendo que ouvir tudo e ficar cabisbaixa.

> - E se, no caminho, o Flavio me xingar de negrinha?
> - Não quero saber de encrenca, pelo amor de Deus! Você pega e faz de conta que não escutou nada.
> Calei-me.
> Quem era eu para dizer-lhe que já estava cansada de fazer de conta? (GUIMARÃES, 1998, p.47)

A mãe manda a menina fingir que não ouviu nada, pois a mãe era acostumada a ouvir e não dizer nada e queria que sua filha fizesse a mesma coisa. A garota tem medo da reação da mãe se contasse que estava cansada de fingir que não ouvia nada. É como se a mãe fizesse com que a Geni se acostumasse com os xingamentos para o resto da vida, pois os brancos tinham mais poder aquisitivo. A mãe era submetida a aceitar e ver o branco

como o melhor e queria que a filha também engolisse isto, mas percebemos que a partir daqui a personagem procura descobrir quem é, já que percebe que é excluída por ser negra. E percebe que não adianta apenas não revidar aos xingamentos dos outros, uma vez que, inclusive, para não ser discriminada ainda mais precisa estar sempre limpa para ir à escola, tendo em vista que precisa se esforçar ao máximo para não carregar características que denigram ainda mais a sua imagem, já que a cor negra não é bem vista em sua sociedade.

> - Mas a Janete do seu Cardoso vai de remela no olho e até muco no nariz e...
> - Mas a Janete é branca- respondeu minha mãe, antes que eu completasse a frase. (GUIMARÃES, 1998, p.48)

A mãe de Geni tenta explicar o que ela e toda sua família já se acostumou, o fato de que o branco pode tudo, pois os negros foram acostumados a se verem como inferiores e como os brancos sempre estavam no poder o que eles faziam era perfeito e os negros internalizavam isso e passavam para os filhos esse aceitar-se como submissos. A colega branca pode ir suja para a escola, mas a negra não, pois seria mais motivo para a gozação.

Em uma de suas aulas Geni ouviu falar da libertação dos escravos, sufocada, a garota ouviu um discurso criado por brancos sobre os negros, pois para a menina só a vó Rosária, uma negra velha que morava no mesmo lugar de Geni, sabia contar os atos heróicos dos negros. No discurso da professora os negros não tinham coragem, eram sempre domados. Além de ouvir tudo isto, a menina torna-se o centro das atenções, por ser a única negra. Algumas colegas oferecem lanche, para Geni aquilo a maltratava, pois não seriam estes gestos de caridades dos brancos que apagaria o sofrimento dos negros.

> Vi que sua narrativa não batia com a que nos fizera a vó de Rosária. Aqueles eram bons, simples, humanos, religiosos. Eram bobos, covardes, imbecis, estes me apresentados então. Não reagiam aos castigos, não se defendiam, ao menos.
> Quando dei por mim, a classe inteira me olhava com pena ou sarcasmo. Eu era a única pessoa da classe representando uma raça digna de compaixão, desprezo!
> [...]
> No recreio a Sueli veio presentear-me com uma maçã e a Raquel, filha do administrador da fazenda, ofereceu-se para trocar meu lanche de abobrinha abafada pelo dela, de presunto e mozarela.
> Não os comi, é claro. A compensação desvalia. Não era como o leite, que, derramado, passa-se um pano sobre e pronto.
> Era sangue. Quem poderia de volvê-lo...Vida? (GUIMARÃES, 1998, p.65)

Geni se sente envergonhada por não ter declamado os versos que fizera para a princesa Isabel. Viu-se como uma "mole", deveria ter declamado os versos para a mulher que salvou o seu povo da escravidão.

> [...] Vinha mesmo era de uma raça medrosa, sem história de heroísmo. Morriam feito cães... Justo era mesmo homenagear Caxias, Tiradentes e todos os Dom Pedro da História. Lógico. Eles lutavam, defendiam ao seu país. Os idiotas dos negros, nada
> [...] Negro era tudo mole mesmo. Até meu pai, minha mãe...
> Por isso é que eu tinha medo de tudo. (GUIMARÃES, 1998, p.67)

A menina coloca a culpa nos pais, que, para ela, não tinham coragem de enfrentar aqueles que os humilhavam, fazendo sempre de conta que não viam. Desse modo, podemos perceber que a reação da menina Geni é diferente, tendo em vista que a menina reflete sobre sua identidade, na tentativa construir uma identidade negra autêntica e de valor.

Sofrendo por sempre ser discriminada por conta da cor da sua pele, a garota tenta tirar essa cor da pele que a faz diferente na visão das outras pessoas brancas. Usando-se do pó de tijolos que a mãe usava para tirar o carvão das panelas de alumínios, Geni tenta tirar a cor negra, na tentativa de ficar branca e assim ser respeitada. A garota esfrega sua perna, mas o que consegue é machucar-se. Assim, vemos que primeiro a criança entre em conflito consigo mesma para só depois se aceitar como é. Os conflitos passam a existir a partir do momento em que as crianças com quem convive, brancas, passam a olhá-la e tratá-la de forma diferenciada por sua cor.

> Assim que terminou a arrumação, ela voltou para casa, e eu juntei o pó restante e com ele esfreguei a barriga da perna. Esfreguei, esfreguei e vi que diante de tanta dor era impossível tirar todo o negro da pele.
> [...]
> Dentro de uma semana, na perna só uns riscos denunciavam a violência contra mim, de mim para mim mesma. Só ficaram as chagas da alma esperando o remédio do tempo e a justiça dos homens. (GUIMARÃES, 1998, p. 69)

Geni reflete sobre o quanto todo o convívio com as outras crianças a machucava e o que mais a maltratava era o que ficava na sua alma, o preconceito ao longo dos anos.

Com todo o preconceito ao seu redor, Geni busca forças nos estudos, com o objetivo de se formar e chegar longe. O pai sente mais orgulho que a filha, quando ela quer ser professora. Seu pai era um abrigo, sempre estava presente para conversar, dar conselhos. Geni observava tamanho orgulho que o pai tem dela numa vez que ele conversava com o

administrador da fazenda, alegando que sua filha terá um futuro diferente do dele nas lavouras.

> - Não tenho nada com isso, mas vocês de cor são feitos de ferro. O lugar de vocês é dar duro na lavoura. Além de tudo, estudar filho é besteira. Depois eles se casam e agente mesmo...
> A primeira besteira ficou sem resposta, mas a segunda mereceu uma afirmação categórica e maravilhosa que quase me fez desfalecer em ternura e amor.
> - É que eu não estou estudando ela pra mim – disse meu pai – É pra ela mesmo. (GUIMARÃES, 1998, p.73)

Com a saída do administrador, o pai se apresenta orgulhoso da filha que tem: "- Ele pode ser branco. Mas mais orgulhoso do que eu não pode ser nunca. Uma filha professora ele não vai ter." (GUIMARÃES, 1998, p.73). O pai de Geni acha muito importante que ela seja professora, pois assim ela ensinará alguém a criar sonhos e expectativas como ela. O pai era para Geni uma pessoa maravilhosa, boa, chegando a merecer da filha o lugar de Deus, quando Deus morresse, já que ele era um homem muito bom.

> - Pai, de que cor será que é Deus...
> - Ué... Branco - afirmou.
> - Mas acho que ninguém viu ele mesmo, em carne e osso. Será que não é preto...
> - Filha do céu, pensa no que fala. Está escrito na Sagrada Escritura. A gente não pode ficar blasfemando assim.
> [...]
> - É que se ele fosse preto, quando ele morresse, o senhor podia ficar no lugar dele. O senhor é tão bom!(GUIMARÃES, 1998, p.73 e 75)

O pai era seu porto seguro. A relação de Geni com seu pai fazia com que ela se sentisse feliz ao ir em busca dos seus sonhos. Geni encontrava no pai sua força para seguir em frente. Ser professora o deixaria muito feliz, uma vez que sua filha estaria seguindo outra profissão, diferente, não passará seus dias trabalhando na lavoura, e terá um futuro melhor que o seu, além do mais ensinará as pessoas a respeitarem uns aos outros, pois estaria encarando uma profissão que se tem o dever de ensinar o outro.

Na narrativa, observamos o sofrimento do pai usando um calçado apertado para acompanhar a formatura da filha. De toda a família o pai era o mais orgulhoso, alegando que passaria a mesma situação para ver sua filha recebendo seu diploma. O sapato é colocado na narrativa como um símbolo dessa vontade do negro querer crescer socialmente, uma vez que o negro não era acostumado a usar sapato e, mesmo assim, seu

pai não quer perder a chance de ver o dia da formatura da filha, já que era um grande passo para o futuro da filha que cresceria profissionalmente e, não encararia a lavoura como seu lugar de trabalho.

Formada, a personagem segue em busca de um lugar no mercado de trabalho. Com um emprego de professora substituta segue de cabeça erguida com o que conseguiu alcançar até o momento, buscando fazer com que as pessoas a notem como profissional e não a discriminando por conta de sua cor. Percebe-se que a personagem já constrói sua identidade negra, uma vez que ganhando status de professora e aceitando-se como negra, sua identidade negra é construída, pois ela se ver como negra e sabe o que a espera numa sociedade preconceituosa, mas terá forças maiores para lutar; diferente seria se ela seguisse a profissão do pai, fosse uma lavradora. Tendo que encarar os olhos duvidosos de sua capacidade, achando que o fato dela ser negra e não poder chegar longe: "No pátio do estabelecimento, tentando engolir o coração para fazê-lo voltar ao peito, suportei o olhar duvidoso da diretora e das mães, que incrédulas, cochichavam e me despiam em intenções veladas." (GUIMARÃES, 1998, p.87)

Para a personagem Geni, a diretora e as mães não acreditavam que ela, negra pobre, tivesse chegado tão longe, formando-se. Os olhos curiosos a observam, indagando o nível em que Geni chegara. Todo o preconceito é gerado por causa da sua cor, pois se ela fosse branca jamais a observariam daquela forma preconceituosa. No primeiro dia de aula, Geni, agora professora, passa por uma situação constrangedora, uma de suas alunas não quer assistir aula, alegando ter medo de professora negra.

> Soou o sinal de entrada e meus pequerruchos entraram barulhentos, agitados,
> Só uma menina clara, linda, terna, empacou na porta e se pôs a chorar baixinho. Corri para ver se conseguia colocá-la na sala de aula.
> - Eu tenho medo de professora preta - disse-me ela, simples e puramente. (GUIMARÃES, 1998, p. 87)

A professora Geni procura maneiras de fazer a garota entrar na sala, observando aquela situação. A diretora da escola diz que coloca a garotinha em outra turma. Mas Geni não aceita, pensando em mudar a situação, pois esta menina não poderia crescer talvez odiando o negro por ter tido medo dela na infância. Geni consegue trazer a menina para turma após tentativas de aproximações, no recreio, pedindo lanche. Podemos notar que a personagem conquista a aluna usando-se de sua ternura, de maneira nenhuma Geni iria

conseguir o que conseguiu de forma agressiva. A personagem ganha a confiança dos outros com sua ternura, daí pensarmos no título da obra, *A cor da ternura,* se para a aluna o negro lhe causava medo, conhecendo melhor sua professora Geni viu que não representava medo algum, assim a garota percebe o quanto Geni é amorosa, encontra a ternura em Geni, para se consolidar na ternura de Geni. Então, se descobre a cor da ternura, o negro é amoroso não era o monstro que ela aprendeu a ver.

Ganhando a confiança da aluna, Geni pede que ela entre na sala e cuide de sua bolsa, numa tentativa de mostrar que confia na garota. A menina a partir de então sentava na primeira fila da sala, trazia lanche para a professora. A menina possivelmente tinha medo do negro, pois o adulto usava o negro como um ser assustador. É a figura do negro como não humano. Com esta relação de confiança e convívio com a menina branca que se dizia ter medo de negro, Geni descobriu que buscando respeitar o outro e procurando respeito para si, a pessoa evolui socialmente. Com o fato ocorrido, Geni pode entender o que o pai tentava ensiná-la, que com uma boa convivência o homem pode deixar de lado a cor da pele, passando a ver a essência de cada pessoa e não sua cor. "Foi quando, com nitidez nunca sentida, entendi tudo o que meu pai me ensinava, nas suas palavras curtas nas suas parábolas decifradas na cartilha da existência." (GUIMARÃES, 1998, p. 91-93)

3.3- Dialogando as obras

Do que foi analisado anteriormente, podemos ressaltar o quão são semelhantes a vida das personagens quando sentem o preconceito, uma vez que elas querem ficar brancas para, assim, na imaginação delas, serem aceitas. Geni sente-se tão constrangida com os outros, não aceitando como ela é, que se machuca tentando tirar o negro da pele.

Outro ponto em comum entre as obras é a covardia dos pais, que se submetem ao branco e nunca refletem sobre suas histórias de humilhações. As personagens chegam a achar que suas covardias são frutos dos pais.

Geni, de *A cor da ternura*, tem uma afinidade maior com os pais, não procura uma amiga que a faça se sentir melhor. É como se o pai abarcasse todos os sentimentos. Diferentemente de Tânia, de *Nó na garganta*, que só se sente melhor ao lado de algum amigo, seja Juliana ou Pedrinho.

Tanto Geni quanto Tânia não encaram a mãe por medo da reação dela. As garotas aceitam o que elas obrigam, sejam andarem sempre limpas ou com o cabelo esticado. As mães tentam avisar as filhas que os brancos podem andar sujos, mas elas não. É como se as mães prevenissem as filhas de serem xingadas de sujas, já não bastasse de negrinhas.

As meninas tinham de encarar um colégio de branco, lugar onde conhecem o preconceito.

Geni demonstra mais afinidade com o pai, ele é seu conselheiro, amigo. O pai dela sentia orgulho da filha batalhadora que tinha. Já em *Nó na garganta,* não vemos uma afinidade semelhante, visto que os pais de Tânia são muito distantes da menina. A perceber quando ela está brigando com Rafael e o pai que estava na festa não aparece para salvá-la ou quando, sozinha, machucada da briga e chorando, a mãe não chega para ouvi-la.

Nas obras, o espaço, personagem e narrador se colocam de uma forma diferente, mas que contribui bastante para a construção de identidade das personagens, uma vez que, em *Nó na garganta,* o espaço é uma praia, seu narrador é em terceira pessoa. Já em *A cor da ternura,* o espaço é uma colônia de lavradores, o narrador é em primeira pessoa. Então, notamos que, na segunda obra, ressalta melhor os pensamentos da protagonista, uma vez que em primeira pessoa temos um contato maior com a personagem, esta que, vivendo numa colônia, procura criar uma identidade diferente da do pai que era lavrador. Dessa

forma o meio não interferiu tanto em sua escolha profissional, pois ela poderia muito bem continuar vivendo da lavoura, mas ela procura estudar e se forma. Em *Nó na garganta,* o meio a principio interfere na construção de identidade negra de Tânia, pois a menina se sentia oprimida, não que Geni também não se sentisse, porém o lugar praieiro dava uma certa liberdade para Tânia, assim como a mata, tanto era que ela procura brincar de morar numa cabana construída por ela na mata, que era vizinha ao lugar onde ela morava. Tânia se via oprimida e buscava se isolar, mas depois cria coragem e enfrenta o preconceito, ela coloca para fora o que ela pensava daqueles que a discriminavam.

Por fim, enquanto Geni tem um laço familiar bem forte, que a ouve e junto com ela vai atrás dos seus sonhos, Tânia sente-se sozinha no mundo. A primeira constrói uma identidade a partir dos valores familiares e buscando no social, através de sua profissão, uma forma de se colocar no mundo para ajudar as pessoas. Já a segunda, se descobre sozinha, enfrentando, encarando aqueles que a discriminava, usando-se de sua voz, se aceitando como negra e defendendo o negro.

O significado dos nomes das personagens também é importante para uma análise concisa das obras. Tânia, de *Nó na garganta*, significa a forma curta de Tatiana (forma feminina de Tatius, nome de um clã romano) e Geni de *A cor da ternura*, significa nascido da nobreza. Notamos que Tânia já vai ser representada na obra, como seu nome significa, uma parte de um povo que sofreu ao longo dos anos, pois um clã significa toda uma linhagem de parentesco. Tânia é inclusa na linhagem da população negra que sofre preconceito, pois seus pais sofreram e seus antepassados também. A personagem Geni quebra com o significado do seu nome, uma vez que ela não nasce na nobreza, mas na pobreza, porém leva seu nome a jus quando procura um novo meio de vida, embora não seja de muita riqueza. Formando-se como professora, Geni busca viver uma realidade diferente da dos pais negros que trabalhavam apenas na lavoura. Talvez seja a maior nobreza de Geni ter nascido naquela família que os pais tanto a amavam.

Assim, podemos perceber o quanto é importante o significado do nome das personagens para o entendimento de suas ações, mesmo Tânia significando uma parte, não deixa o leitor vê-la como a digna de pena, pois ela rebate os que não a aceitam como negra. Já Geni, constrói sua nobreza encima dos seus ideais, não precisando ter nascido na nobreza para ser dona da maior nobreza,sua família.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não é só para o adulto, mas também para as crianças e jovens que a literatura tem representado um negro que busca construir sua identidade enquanto negro e, não mais ele como escravo. Mesmo este sofrendo com o preconceito, estará sempre lutando para combatê-lo.

Exemplo desta procura de identidade encontra-se nas obras contemporâneas *A cor da ternura*, de Geni Guimarães, e *Nó na garganta*, de Mirna Pinsky. Em ambas as narrativas, temos personagens principais negras, enfrentando uma sala de aula só de brancos. As personagens buscam combater, rebatendo os xingamentos ou procurando um lugar de destaque na sociedade, profissionalmente, para tentar amenizar. Ao final das narrativas as personagens encontram sua identidade negra e não mais irão querer ser brancas. Houve, assim, uma aceitação do que elas realmente são.

Observando na literatura infanto-juvenil os casos de preconceito racial, supomos que esta literatura vai representar uma parcela da população muito pouco representada, enquanto busca mostrar quem é. Os leitores encontrarão nestes livros os conflitos e medos de ser negro.

Mesmo sendo um tema que se pensava ser apenas de adulto, a partir desta temática na literatura infanto-juvenil os leitores vão pensar na proximidade que se tem da realidade, uma criança negra se verá representada e pode associar ao que vive. Ou uma criança não negra vai refletir o que é a condição de identidade negra e poderá aceitar melhor o Outro que está inserido em sua sociedade.

Assim, os Estudos Culturais são muito importantes para analisar aqueles que vivem marginalizados, dando voz aos que por muito tempo foram apagados do meio literário, seja por questão de gênero ou raça. Com os Estudos Culturais, temos contato com um mundo de trabalhos que seriam apagados se não existisse essa corrente literária. *Nó na garganta* e *A cor da ternura* são obras que seriam esquecidas, pois tratam da representação do negro e, colocando-as em análise com fins acadêmicos, contribuem muito para expandir esses estudos que privilegiam os marginalizados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ATAIDE, Vicente de Paula. *Literatura infantil & ideologia*. Curitiba: HDLivros, 1995.

BERND, Zilá. *Negritude e literatura na América Latina.* Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

CARVALHO, Bárbara Vasconcelos de. *A literatura infanti*l: visão histórica e crítica. 3. ed. São Paulo: Global, 1984.

CEVASCO, Maria Elisa. Literatura e estudos culturais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária*: abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005, p. 267-273.

DANTAS, Elisalva Madruga. A negritude nas literaturas angolana e brasileira. In: SILVA, Márcia Tavares; RODRIGUES, Etiene Mendes (orgs.). *Caminhos da literatura literária:* propostas e perspectivas de um encontro. Campina Grande: Bagagem, 2009, p. 13-30.

FRANÇA, Jean Marcel Carvalho. *Imagens do negro na literatura brasileira.* São Paulo: Brasiliense, 1998.

GUIMARÃES, Geni. *A cor da ternura*. 12. ed. São Paulo: FTD, 1998.

KHÉDE, Sonia Salomão. *Personagens da literatura infanto-juvenil*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990.

OLIVEIRA, Maria Anória de Jesus. Personagens negros na literatura infanto-juvenil: há muito fazer-dizer, há muito de palavra-ação. In: SILVA, Márcia Tavares; RODRIGUES, Etiene Mendes (orgs.). *Caminhos da literatura literária*: propostas e perspectivas de um encontro. Campina Grande: Bagagem, 2009, p. 156-176.

PINSKY, Mirna. *Nó na garganta*. 17. ed. São Paulo: Atual, 1988.

SANTOS, Célia Regina dos; WIELEWICKI, Vera helena Gomes. Literatura de autoria de minorias étnicas e sexuais. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (orgs.). *Teoria literária*: 1989.abordagens históricas e tendências contemporâneas. 2. ed. Maringá: Eduem, 2005, p. 287-299.

YUNES, Eliana; PONDÉ, Glória. *Literatura e leituras da literatura infantil.* 2. ed. São Paulo: FTD,